

Filosofia Espiritualista

O Livro dos Espíritos

Contém

OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS E SUAS RELAÇÕES COM OS HOMENS,
AS LEIS MORAIS, A VIDA PRESENTE, A VIDA FUTURA E O PORVIR DA HUMANIDADE SEGUNDO O
ENSINAMENTO DADO PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES COM O AUXÍLIO DE DIVERSOS MÉDIUNS

Recebidos e coordenados por

Allan Kardec



Tradução de Evandro Noleto Bezerra



Sumário

Apresentação	9
Aviso sobre esta nova edição	11
Introdução ao estudo da Doutrina Espírita.....	13
Prolegômenos.....	47

LIVRO PRIMEIRO

Causas primeiras

CAPÍTULO I – Deus	53
Deus e o infinito: 53; Provas da existência de Deus: 54; Atributos da Divindade: 55; Panteísmo: 57.	
CAPÍTULO II – Elementos gerais do Universo	59
Conhecimento do princípio das coisas: 59; Espírito e matéria: 60; Propriedades da matéria: 62; Espaço universal: 64.	
CAPÍTULO III – Criação.....	65
Formação dos mundos: 65; Formação dos seres vivos: 66; Povoamento da Terra. Adão: 68; Diversidade das raças humanas: 68; Pluralidade dos mundos: 69; Considerações e concordâncias bíblicas referentes à Criação: 70.	
CAPÍTULO IV – Princípio vital.....	75
Seres orgânicos e inorgânicos: 75; A vida e a morte: 77; Inteligência e instinto: 79.	

LIVRO SEGUNDO

Mundo espiritual ou dos Espíritos

CAPÍTULO I – Espíritos.....	83
Origem e natureza dos Espíritos: 83; Mundo normal primitivo: 85; Forma e ubiquidade dos Espíritos: 86; Perispírito: 87; Diferentes ordens de Espíritos: 88; Escala espírita: 89; Progressão dos Espíritos: 96; Anjos e demônios: 100.	
CAPÍTULO II – Encarnação dos Espíritos	103
Objetivo da encarnação: 103; A alma: 104; Materialismo: 108.	

CAPÍTULO III – Retorno da vida corpórea à vida espiritual	111
A alma após a morte. Sua individualidade. Vida eterna: 111; Separação da alma e do corpo: 113; Perturbação espiritual: 116.	
CAPÍTULO IV – Pluralidade das existências	119
Reencarnação: 119; Justiça da reencarnação: 120; Encarnação nos diferentes mundos: 121; Transmigração progressiva: 126; Sorte das crianças depois da morte: 130; Sexos nos Espíritos: 131; Parentesco, filiação: 132; Semelhanças físicas e morais: 133; Ideias inatas: 136.	
CAPÍTULO V – Considerações sobre a pluralidade das existências	139
CAPÍTULO VI – Vida espiritual.....	149
Espíritos errantes: 149; Mundos transitórios: 152; Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos: 153; Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos: 158; Escolha das provas: 164; Relações de além-túmulo: 171; Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas: 175; Lembrança da existência corpórea: 178; Comemoração do dia dos mortos. Funerais: 182.	
CAPÍTULO VII – Retorno à vida corpórea.....	185
Prelúdios do retorno: 185; União da alma ao corpo. Aborto: 188; Faculdades morais e intelectuais: 191; Influência do organismo: 193; Idiotismo, loucura: 195; Infância: 198; Simpatias e antipatias terrenas: 200; Esquecimento do passado: 202.	
CAPÍTULO VIII – Emancipação da alma.....	207
O sono e os sonhos: 207; Visitas espíritas entre pessoas vivas: 213; Transmissão oculta do pensamento: 214; Letargia, catalepsia, mortes aparentes: 215; Sonambulismo: 216; Êxtase: 220; Segunda vista: 221; Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista: 223.	
CAPÍTULO IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo ..	229
Penetração dos Espíritos em nossos pensamentos: 229; Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos: 230; Possessos: 233; Convulsionários: 235; Afeição dos Espíritos por certas pessoas: 237; Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos: 238; Pressentimentos: 248; Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida: 249; Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza: 253; Os Espíritos durante os combates: 255; Pactos: 257; Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros: 258; Bênção e maldição: 260.	

CAPÍTULO X – Ocupações e missões dos Espíritos	261
CAPÍTULO XI – Os três reinos.....	269
Os minerais e as plantas: 269; Os animais e o homem: 271; Metempsicose: 278.	

LIVRO TERCEIRO

Leis morais

CAPÍTULO I – Lei divina ou natural.....	283
Características da lei natural: 283; Origem e conhecimento da lei natural: 284; O bem e o mal: 287; Divisão da lei natural: 291.	
CAPÍTULO II – I. Lei de adoração	293
Objetivo da adoração: 293; Adoração exterior: 294; Vida contemplativa: 295; Prece: 295; Politeísmo: 299; Sacrifícios: 300.	
CAPÍTULO III – II. Lei do trabalho	303
Necessidade do trabalho: 303; Limite do trabalho. Repouso: 305.	
CAPÍTULO IV – III. Lei de reprodução	307
População do globo: 307; Sucessão e aperfeiçoamento das raças: 307; Obstáculos à reprodução: 309; Casamento e celibato: 309; Poligamia: 311.	
CAPÍTULO V – IV. Lei de conservação	313
Instinto de conservação: 313; Meios de conservação: 313; Gozo dos bens terrenos: 316; Necessário e supérfluo: 317; Privações voluntárias. Mortificações: 318.	
CAPÍTULO VI – V. Lei de destruição.....	321
Destruição necessária e destruição abusiva: 321; Flagelos destruidores: 323; Guerras: 326; Assassínio: 326; Crueldade: 327; Duelo: 329; Pena de morte: 330.	
CAPÍTULO VII – VI. Lei de sociedade.....	333
Necessidade da vida social: 333; Vida de isolamento. Voto de silêncio: 334; Laços de família: 335.	
CAPÍTULO VIII – VII. Lei do progresso.....	337
Estado de natureza: 337; Marcha do progresso: 338; Povos degenerados: 341; Civilização: 344; Progresso da legislação humana: 345; Influência do Espiritismo no progresso: 346.	
CAPÍTULO IX – VIII. Lei de igualdade	349
Igualdade natural: 349; Desigualdade das aptidões: 349;	

Desigualdades sociais: 350; Desigualdade das riquezas: 351; Provas da riqueza e da miséria: 353; Igualdade dos direitos do homem e da mulher: 353; Igualdade perante o túmulo: 355.

CAPÍTULO X – IX. Lei de liberdade..... 357

Liberdade natural: 357; Escravidão: 358; Liberdade de pensar: 359; Liberdade de consciência: 360; Livre-arbítrio: 361; Fatalidade: 363; Conhecimento do futuro: 369; Resumo teórico do móvel das ações do homem: 371.

CAPÍTULO XI – X. Lei de justiça, amor e caridade 375

Justiça e direitos naturais: 375; Direito de propriedade. Roubo: 377; Caridade e amor ao próximo: 379; Amor materno e filial: 381.

CAPÍTULO XII – Perfeição moral 383

As virtudes e os vícios: 383; Paixões: 388; Egoísmo: 390; Características do homem de bem: 393; Conhecimento de si mesmo: 394.

LIVRO QUARTO

Esperanças e consolações

CAPÍTULO I – Penas e gozos terrenos 399

Felicidade e infelicidade relativas: 399; Perda dos entes queridos: 404; Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas: 406; Uniões antipáticas: 407; Temor da morte: 409; Desgosto da vida. Suicídio: 410.

CAPÍTULO II – Penas e gozos futuros 417

O nada. Vida futura: 417; Intuição das penas e gozos futuros: 418; Intervenção de Deus nas penas e recompensas: 419; Natureza das penas e gozos futuros: 420; Penas temporais: 427; Expição e arrependimento: 430; Duração das penas futuras: 434; Ressurreição da carne: 440; Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso perdido. Pecado original: 442.

Conclusão 447

Errata 461

Nota Explicativa 463

Índice Geral 469

APRESENTAÇÃO

Com base nos originais franceses existentes na Biblioteca de Obras Raras da Federação Espírita Brasileira, e fruto de dedicado trabalho de pesquisa e de tradução do nosso companheiro de ideal, Evandro Noletto Bezerra, esta *edição especial* de *O livro dos espíritos*, publicada pela FEB, foi traduzida a partir da segunda impressão da 2ª edição francesa, de 1860 (arquivada e registrada na Biblioteca Nacional da França — BNF nº R-39908) — *texto básico* — com alguns acréscimos, supressões e modificações feitos por Allan Kardec: na 4ª edição, de 1861; na 5ª edição, de 1861 (BNF nº R-39909); na 6ª edição, de 1862; na 10ª edição, de 1863 (BNF nº R-39912); e na 12ª edição, de 1864. Essas alterações acham-se claramente definidas e explicadas pelo tradutor ao longo das páginas correspondentes deste livro, sob a forma de notas de rodapé. Na sequência da 12ª edição do original francês, incluindo a 13ª, de 1865 (BNF nº R-39914), e durante todo o restante período em que Allan Kardec esteve encarnado, não consta ter havido qualquer outra modificação, o que torna definitiva essa 12ª edição.

Procurando reunir os registros históricos relacionados com as publicações originais de *O livro dos espíritos* a partir da segunda impressão da sua 2ª edição e, assim, atendendo aos naturais interesses dos leitores empenhados nos estudos cada vez mais aprofundados da Doutrina Espírita, estão sendo incluídos nesta edição especial:

- a) O **Aviso** introdutório, em que Allan Kardec faz uma apreciação da obra, destacando as diferenças entre a 1ª e a 2ª edição do livro, sobretudo o aumento considerável do número de questões de 501 para 1.019, *Aviso* esse que não tem sido incluído em edições brasileiras e

francesas, apesar de ter sido mantido em todas as edições publicadas por Kardec quando encarnado;

- b) A **Nota** explicativa que se segue aos *Prolegômenos*, por meio da qual Allan Kardec informa que o livro só foi publicado depois de ter sido cuidadosamente revisto e corrigido pelos próprios Espíritos, até mesmo as observações e comentários que foram aditados ao texto pelo Codificador, *Nota* essa que deixou de ser publicada a partir da 10ª edição francesa, de 1863;
- c) A **Errata** que se encontra na última página do livro, *Errata* que só apareceu na 5ª edição francesa, de 1861, não tendo sido incorporada ao texto do livro nas edições posteriores, salvo a supressão da expressão “e intuitiva”, na resposta à questão 586, constatada a partir da 10ª edição francesa, de 1863.

A primeira edição especial desta obra foi publicada pela Federação Espírita Brasileira como parte das comemorações pelo transcurso, em 18 de abril de 2007, do Sesquicentenário do lançamento de *O livro dos espíritos*, cuja primeira edição ocorreu em 18 de abril de 1857, em Paris, França.

Na oportunidade daquelas comemorações, manifestamos, também, a nossa sincera e profunda gratidão aos Espíritos superiores que coordenaram e realizaram a nobre tarefa de trazer para a Humanidade a Doutrina Espírita, gratidão que se estendeu, naturalmente, ao Espírito iluminado que a codificou, cujo papel principal foi o de materializar, na Terra, o Consolador Prometido por Jesus Cristo, lançando “as bases do novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”,¹ “abrindo uma Nova Era para a regeneração da Humanidade”.²

A EDITORA

¹ N.E.: Kardec, Allan. *O livro dos espíritos. Prolegômenos*.

² N.E.: Idem, *ibidem*.

AVISO SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO³

Na primeira edição desta obra havíamos anunciado uma parte suplementar. Deveria constituir-se de todas as questões que não encontraram lugar naquela edição, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos tivessem ocasionado. Como, porém, são todas relativas a uma ou outra das partes já tratadas, das quais são o desdobramento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma sequência. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir tudo conjuntamente, aproveitando para conferir à distribuição das matérias uma ordem muito mais metódica e suprimindo, ao mesmo tempo, tudo quanto estava repetido.

Esta reimpressão pode, pois, ser considerada obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma alteração, salvo pequeníssimo número de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, a despeito da diversidade das fontes em que os recolhemos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos mostra claramente que comunicações idênticas em todos os pontos, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso mesmo antes da publicação do nosso livro, o qual veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A História, por sua vez, comprova que a maioria desses princípios foi professada pelos mais eminentes homens dos tempos antigos e modernos, trazendo a eles, desse modo, a sua sanção.

O ensino relativo às manifestações propriamente ditas, e aos médiuns, forma, de certo modo, uma parte distinta da filosofia, podendo ser

³ N.T.: Para realçar a diferença existente entre a 1ª edição (1857) e a 2ª edição (1860) de *O livro dos espíritos*, Allan Kardec elaborou este *Aviso* elucidativo, excluído até agora de todas as traduções brasileiras.

Aviso

objeto de um estudo especial. Havendo tal parte recebido desenvolvimentos bastante consideráveis em consequência da experiência adquirida, julgamos por bem fazer dele um volume distinto, o qual contém as respostas *dadas a todas as questões relativas às manifestações e aos médiuns*, bem como numerosos comentários sobre o *Espiritismo prático*. Essa obra será a continuação ou o complemento de *O livro dos espíritos*.^{4,5}

⁴ Nota de Allan Kardec: No prelo.

⁵ N.T.: Allan Kardec se refere à futura publicação de *O livro dos médiuns* (1861).

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I

Para coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitarmos a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida; dar-lhes uma nova, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas, já tão numerosas, de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista, mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua acepção própria. Diremos, pois, que a Doutrina *Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*.

Como especialidade, *O livro dos espíritos* contém a Doutrina *Espírita*; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, da qual apresenta uma das fases. Tal a razão por que traz no cabeçalho de seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista*.

II

Há outra palavra sobre a qual importa igualmente que todos se entendam, porque é uma das pedras angulares de toda doutrina moral, e por ser objeto de inúmeras controvérsias, por falta de uma acepção bem determinada: a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um faz desse vocábulo. Uma língua perfeita, em que cada ideia tivesse sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica, não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, dizem de um instrumento rachado, que não produz mais som, que ele não tem alma. Conforme essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo esses, não haveria em todo o Universo senão uma só alma a distribuir centelhas entre os diversos seres inteligentes durante a vida destes; após a morte, cada centelha retorna à fonte comum, confundindo-se com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, de onde saíram. Essa opinião difere da precedente em que, nesta hipótese, há em nós algo mais que a matéria, restando alguma coisa após a morte, mas é quase como se nada restasse, visto que, não tendo mais individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser uma porção da Divindade; é uma variedade do *panteísmo*.

Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta acepção é, sem contestação, a mais geral, porque, sob um nome ou outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra em estado de crença instintiva, e independentemente de qualquer ensinamento, entre todos os povos, seja qual for o seu grau de civilização. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa e não efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões e considerando apenas o lado linguístico da questão, diremos que estas três aplicações da palavra *alma* constituem três ideias distintas, que reclamariam cada uma um termo diferente. Essa palavra tem, pois, tríplice acepção, e cada um tem razão, do seu ponto de vista, na definição que lhe dá; o mal decorre do fato de a língua não dispor

senão de uma palavra para exprimir três ideias. A fim de evitar todo equívoco, seria necessário restringir-se a acepção da palavra *alma* a uma dessas três ideias; a escolha é indiferente, desde que todos se entendam, pois tudo isto é uma questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-la na sua acepção mais comum; por isso chamamos *alma ao ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo*. Mesmo que esse ser não existisse e não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para designá-lo.

Na falta de um vocábulo especial para cada uma das outras ideias a que corresponde a palavra alma, denominamos:

Princípio vital, o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital é coisa distinta e independente, já que pode haver vida com abstração da faculdade de pensar. A palavra *vitalidade* não expressaria a mesma ideia. Para alguns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se acha em certas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz. Esse seria, então, o *fluido vital* que, na opinião de alguns, não seria outro que o fluido elétrico animalizado, também designado por *fluido magnético*, *fluido nervoso* etc.

Seja como for, há um fato que não se poderia contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Concebe-se que, com uma acepção múltipla do termo alma, a alma não exclui o materialismo, nem o panteísmo. O próprio espiritualista pode muito bem entender a alma segundo uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer. Assim, essa palavra não representa uma opinião: é um proteu⁶ que cada um ajeita a seu bel-prazer. Daí tantas disputas intermináveis.

⁶ N.E.: Na mitologia grega, deus marinho que podia assumir diferentes formas; por extensão de sentido, indivíduo que muda facilmente de opinião.

Evitar-se-ia igualmente a confusão, mesmo se servindo da palavra *alma* nos três casos, desde que se lhe ajuntasse um qualificativo especificando o ponto de vista sob o qual a encaramos ou a aplicação que dela se faz. Esta teria, então, um termo genérico, que representaria ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, que se distinguiriam por um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem ajuntando-se-lhes as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Poder-se-ia, assim, dizer (e talvez fosse o melhor), a *alma vital*, indicando o princípio da vida material, a *alma intelectual*, o princípio da inteligência, e a *alma espírita*, o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas questão muito importante para nos entendermos. De acordo com isso, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens, e a *alma espírita* pertenceria somente ao homem.

Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a Doutrina Espírita repousa naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Devendo a palavra *alma* repetir-se frequentemente no curso desta obra, importava ser fixada no sentido que lhe atribuímos, a fim de evitarmos todo engano.

Passemos, agora, ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

A Doutrina Espírita, como tudo que constitui novidade, tem seus adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, sem termos, entretanto, a pretensão de convencer a todos, pois há pessoas que acreditam que a luz foi feita somente para elas. Dirigimo-nos às pessoas de boa-fé, sem ideias preconcebidas ou irrevogáveis, mas sinceramente desejosas de se instruírem, e lhes demonstraremos que a maioria das objeções que fazem à Doutrina provém da observação incompleta dos fatos e de um julgamento feito com muita leviandade e precipitação.

Recordemos inicialmente, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem a esta Doutrina.

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de *mesas girantes* ou *dança*

das mesas. Este fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente na América, ou melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que remonta à mais alta antiguidade, produziu-se acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem causa ostensiva conhecida. Dali propagou-se rapidamente pela Europa e por outras partes do mundo; a princípio provocou muita incredulidade, mas, em breve, a multiplicidade das experiências não mais permitiu que se duvidasse da sua realidade.

Se tal fenômeno se tivesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza, ou todas as propriedades dos que conhecemos: a eletricidade, aliás, multiplica diariamente os recursos que proporciona ao homem e parece destinada a iluminar a Ciência com uma nova luz. Nada haveria, pois, de impossível em que a eletricidade modificada por certas circunstâncias, ou algum outro agente desconhecido, fosse a causa desse movimento. A reunião de muitas pessoas, aumentando a potência de ação, parecia apoiar essa teoria, visto poder-se considerar o grupo como uma pilha múltipla, cuja potência corresponde ao número de elementos.

O movimento circular nada tinha de extraordinário: está na Natureza; todos os astros se movem circularmente. Poderíamos, pois, ter em pequena escala um reflexo do movimento geral do Universo, ou, melhor dizendo, uma causa, até então desconhecida, podendo produzir acidentalmente, com pequenos objetos e em certas circunstâncias, uma corrente análoga à que arrasta os mundos.

O movimento, no entanto, nem sempre era circular; muitas vezes era brusco, desordenado, o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado e mantido em suspensão. Nada havia ainda nesses fatos que não pudesse ser explicado pela ação de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores, atirar longe os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?

Supondo-se que os ruídos insólitos e as pancadas não fossem um dos efeitos ordinários da dilatação da madeira, ou de alguma outra causa acidental, podiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: a eletricidade não produz os mais violentos ruídos?

Até aí, como se vê, tudo pode caber no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Mesmo sem sair desse círculo de ideias, havia ali matéria de estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios.⁷ Por que assim não aconteceu? É penoso dizê-lo, mas isso se deve a causas que provam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. De início, a vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências talvez não lhes fosse estranha. Que influência não tem tido muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves! Sem considerar que o movimento podia ser transmitido a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida por ser o objeto mais cômodo e porque todos se sentam mais naturalmente em volta de uma mesa do que de qualquer outro móvel. Ora, os homens superiores são às vezes tão pueris que não seria impossível a certos espíritos de escol se julgarem diminuídos, caso se ocupassem com o que se convencionara chamar a *dança das mesas*. É mesmo provável que se o fenômeno observado por Galvani o tivesse sido por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado ao lado da varinha mágica. Qual, com efeito, o sábio que não teria julgado uma indignidade ocupar-se com a *dança das rãs*?

Alguns, entretanto, bastante modestos para convirem em que a Natureza bem poderia não lhes ter dito a última palavra, quiseram ver, para tranquilidade de suas consciências. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre lhes correspondeu à expectativa e, por não se ter produzido constantemente conforme a vontade deles e segundo o seu modo de experimentação, concluíram pela negativa. Não obstante, porém, o que decretaram, as mesas — pois há mesas — continuam a girar e podemos dizer como Galileu: *e, contudo, elas se movem!* Diremos mais: os fatos se multiplicaram de tal modo que hoje são aceitos sem contestação, não mais se tratando senão de encontrar-lhes uma explicação racional.

Pode-se inferir alguma coisa contra a realidade do fenômeno pelo fato de ele nem sempre se produzir de maneira idêntica, segundo a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química não estão subordinados a certas condições? E devemos negá-los, porque não se produzem fora dessas condições? Que há, pois, de surpreendente em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também tenha suas condições e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se

⁷ N.T.: *Savants* no original. Assim eram chamados os cientistas no século XIX.

no seu ponto de vista, pretende fazê-lo seguir ao sabor de seu capricho ou sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias em que os fatos se produzem, e esse estudo requer uma observação perseverante, atenta e por vezes muito longa.

Mas, objetam algumas pessoas, muitas vezes há fraudes evidentes. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, se estão bem certas de que haja fraudes e se não tomaram por fraudes efeitos que não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que tomava um sábio professor de Física, a fazer experiências, por hábil escamoteador. Supondo mesmo que isso tenha ocorrido algumas vezes, seria razão para negar-se o fato? Dever-se-ia negar a Física, porque há prestidigitadores que se enfeitam com o título de físicos? É necessário, ademais, levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Seria, então, simples gracejo? Pode-se muito bem se divertir por algum tempo, mas um gracejo prolongado indefinidamente seria tão fastidioso para o mistificador, como para o mistificado. Haveria, além disso, numa mistificação que se propaga de um extremo a outro do mundo e entre as pessoas mais sérias, mais honradas e mais esclarecidas, alguma coisa ao menos tão extraordinária quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos com que nos estamos ocupando se tivessem limitado ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Mas não foi isso que aconteceu: cabia-lhes colocar-nos na pista de fatos de ordem singular. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era somente o produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto, esse caminho era um campo inteiramente novo de observações; era o véu que se levantava de sobre muitos mistérios. Haverá, com efeito, uma potência inteligente? Tal a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Está acima da Humanidade? Tais são as outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam determinado número de pancadas, respondendo, desse modo, sim ou não, conforme fora

convencionado, a uma questão proposta. Até aí, nada de seguramente convincente para os céticos, porque podia acreditar-se num efeito do acaso. Em seguida, obtiveram-se respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: dando o objeto móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A exatidão das respostas e sua correlação com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era Espírito ou gênio, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Esta é uma circunstância muito importante a notar. Ninguém havia então pensado nos *Espíritos* como um meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Em ciências exatas, muitas vezes se formulam hipóteses para ter-se uma base de raciocínio; ora, não é aqui o caso.

Tal meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito, e isto é ainda uma circunstância digna de nota, indicou outro. Foi um desses invisíveis que aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto. A cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma potência oculta que faz mover as mesas, mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases e discursos inteiros de muitas páginas, tratando das mais altas questões de Filosofia, de Moral, de Metafísica, de Psicologia etc., e com tanta rapidez como se escrevesse com a mão.

O conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina e que, havia já vários anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vai buscar, no quarto ao lado, a cestinha; prende nela um lápis; coloca-a sobre o papel e põe teus dedos sobre a borda.” Alguns instantes após, a cesta se pôs em movimento e o lápis escreveu, de modo bem legível, esta frase: “O que vos digo aqui, eu vos proíbo expressamente de dizer a alguém. Da próxima vez que escrever, escreverei melhor.”

Como o objeto a que se adapta o lápis não passa de mero instrumento, sua forma e natureza são completamente indiferentes; procurou-se a disposição mais cômoda e foi assim que muitas pessoas passaram a usar uma prancheta.

A cesta ou a prancheta só podem ser postas em movimento sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as

quais se designam pelo nome de *médiuns*, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que facultam esse poder se prendem a causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, porquanto se encontram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. É, além disso, uma faculdade que se desenvolve pelo exercício.

V

Reconheceu-se mais tarde que a cesta e a prancheta não eram, realmente, mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente do lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Por esse meio as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; é hoje o meio mais difundido, tanto mais que o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e se multiplica todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediúnica, e soube-se que as comunicações podiam igualmente efetuar-se pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis.

Obtido o fato, restava constatar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que nelas pode tomar, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é o modo pelo qual a cesta se move sob a sua influência, pela simples imposição dos dedos sobre a borda; o exame demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer à cesta. Essa impossibilidade se patenteia, sobretudo, quando duas ou três pessoas colocam os dedos, ao mesmo tempo, na mesma cesta; seria preciso haver entre elas uma concordância de movimentos verdadeiramente fenomenal; além disso, seria preciso a concordância dos pensamentos para que pudessem entender-se sobre a resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos singular, vem aumentar ainda mais a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a escrita todas as vezes que o mesmo Espírito retorna. Seria, pois, necessário que o médium se houvesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, sobretudo, que pudesse lembrar-se da que pertence a este ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que, na maioria das vezes, sobretudo quando se trata de questões abstratas ou científicas, estão notoriamente fora dos conhecimentos e, algumas vezes, além do alcance intelectual do médium; que este, como geralmente sucede, não tem consciência do que escreve sob a influência do Espírito; que, frequentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, já que pode ser feita numa língua que lhe seja estranha, ou mesmo formulada mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma. Enfim, muitas vezes acontece que a cesta escreva espontaneamente, sem que se haja feito pergunta alguma, sobre um assunto qualquer e inteiramente inesperado.

Em alguns casos, essas respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade, pensamentos tão elevados e tão sublimes, que não podem emanar senão de uma Inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. De outras vezes são tão levianas, tão frívolas, tão triviais mesmo, que a razão se recusa a acreditar que possam proceder da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este o ponto a esclarecer e cuja explicação completa se encontrará nesta obra, tal como foi dada pelos próprios Espíritos.

Eis, pois, efeitos patentes que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas à luz do dia; que todos podem ver e constatar, que não constituem privilégio de nenhum indivíduo e que milhares de pessoas repetem à vontade todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa e, desde que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias foram formuladas a respeito. Vamos examiná-las daqui a pouco e veremos se podem explicar a razão de todos os fatos que se produzem. Admitamos por enquanto a existência de seres distintos da Humanidade, pois é essa a explicação fornecida pelas Inteligências que se revelam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Como dissemos, os seres que assim se comunicam designaram-se a si mesmos pelo nome de Espíritos ou gênios, e como tendo pertencido, alguns pelo menos, a homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corpóreo.

Resumimos aqui, em poucas palavras, os pontos mais importantes da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções:

— Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom;

— criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais;

— os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espiritual, isto é, dos Espíritos;

— o mundo espiritual é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo;

— o mundo corpóreo é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter existido jamais, sem alterar a essência do mundo espiritual;

— os Espíritos revestem temporariamente um envoltório material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade;

— entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá superioridade moral e intelectual sobre as demais;

— a alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório;

— há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito;

— tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, dos quais tem os instintos; pela alma, participa da natureza dos Espíritos;

— o laço ou *perispírito*, que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que se pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições;

— o Espírito não é, deste modo, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, pode ser apreciado pelos sentidos da *visão*, da *audição* e do *tato*;

— os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou Espíritos puros. As demais classes se distanciam cada vez mais dessa perfeição. Os das classes inferiores são inclinados à maioria das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.; comprazem-se no mal. Entre eles há os que não são nem muito bons nem muito maus, antes trapalhões e inconvenientes do que perversos; a malícia e as inconseqüências parecem as suas principais características: são os Espíritos estouvados ou levianos;

— os Espíritos não ocupam eternamente a mesma ordem. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Essa melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova a que devem submeter-se várias vezes, até que hajam atingido a perfeição absoluta; é uma espécie de filtro ou depurador de onde saem mais ou menos purificados;

— deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído, para recomençar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante;

— tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos;

— a encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal;⁸

— as diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição;

— as qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem perverso a de um Espírito impuro;

— a alma tinha sua individualidade antes de encarnar e a conserva depois que se separa do corpo;

⁸ Nota de Allan Kardec: Entre a doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como a admitem algumas seitas, há uma diferença característica que será explicada no curso desta obra.

— na sua volta ao mundo dos Espíritos, a alma encontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se refletem na sua memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez;

— o Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria. O homem que supera essa influência, pela elevação e depuração de sua alma, aproxima-se dos Espíritos bons, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à natureza animal;

— os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo;

— os Espíritos não encarnados, ou errantes, não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no Espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos sem cessar. É toda uma população invisível que se agita em torno de nós;

— os Espíritos exercem sobre o mundo moral, e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora não explicados ou mal explicados e que não encontram solução racional senão no Espiritismo;

— as relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os Espíritos bons nos incitam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e nos identificar com eles;

— as comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes pelos médiuns que lhes servem de instrumento;

— os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou inimigos, e deles obter, por meio de comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a sua situação no além-túmulo, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos;

— os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero de instruir-se e melhorar-se. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, ao contrário, encontram livre acesso e podem agir com toda liberdade entre pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade, e por toda parte onde encontrem maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou ensinamentos úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, pois muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro;

— distinguir os Espíritos bons dos maus é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, marcada pela mais alta moralidade, isenta de qualquer paixão inferior; seus conselhos revelam a mais pura sabedoria e têm sempre por objetivo o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, muitas vezes trivial e mesmo grosseira; se por vezes dizem coisas boas e verdadeiras, em muitas outras dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade e embalando-lhes os desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na total aceção do termo, só são dadas nos centros sérios, naqueles cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem;

— a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta, mesmo para as suas menores ações;

— eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, desde este mundo, se desliga da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas e pelo amor ao próximo aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve tornar-se útil segundo as faculdades e os meios que Deus nos colocou nas mãos para nos provar; que o *forte* e o *poderoso* devem apoio e proteção ao *fraco*, porque aquele que abusa da sua força e do seu poder para oprimir o seu semelhante transgride a Lei de Deus. Ensinam, finalmente, que no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas descobertas;

que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem agimos mal é um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos que nos são desconhecidos na Terra;

— mas eles também nos ensinam que não há faltas irremissíveis que a expiação não possa apagar. O homem encontra o meio de consegui-lo nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conforme seu desejo e seus esforços, na senda do progresso, rumo à perfeição, que é o seu objetivo final.

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que se lhe opõem.

VII

Para muita gente, a oposição das corporações científicas constitui, quando não uma prova, pelo menos forte presunção contrária. Não somos dos que se rebelam contra os sábios, pois não queremos que digam que os insultamos; ao contrário, nós os temos em grande estima e ficaríamos muito honrados se fôssemos contados entre eles. Mas a opinião deles não pode representar em todas as circunstâncias uma sentença irrevogável.

Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos e trata de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjecturas. Cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer, e o sustenta com obstinação. Não vemos diariamente as opiniões mais contraditórias serem alternadamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem sensato.

No tocante às coisas notórias, a opinião dos sábios é, com toda razão, digna de fé, pois eles sabem mais e melhor do que o vulgo. Mas, em termos de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver quase sempre é hipotética, visto que eles não se acham mais livres de preconceitos do que os outros. Direi mesmo que o sábio talvez tenha mais preconceitos que qualquer outro, pois uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista em que se especializou: o matemático não vê prova senão numa demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos etc. Todo homem que faz uma especialidade, a ela se aferra com todas as suas forças. Tirei-o daí e o vereis quase sempre

delirar, por querer submeter tudo ao mesmo crivo; é uma consequência da fraqueza humana. Consultarei, pois, de bom grado e com toda a confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a força elétrica, um mecânico sobre uma força motriz. Não, porém, de permitir-me, sem que isto afete a estima a que têm direito por seu saber especial, que eu não tenha em melhor conta suas opiniões negativas sobre o Espiritismo, do que o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências vulgares se apoiam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular à vontade; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências que têm vontade própria e que nos provam a todo instante não se acharem subordinadas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, como ciência, é, pois, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e seu julgamento, seja qual for, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da sua qualidade de sábios. Pretender, porém, deferir a questão à Ciência equivaleria a querer que a existência da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou de astrônomos. Com efeito, o Espiritismo está todo inteiro na existência da alma e no seu estado depois da morte. Ora, é soberanamente ilógico pensar que o homem deva ser um grande psicólogo, porque é um grande matemático ou um grande anatomista. Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a encontra com o seu escalpelo, como encontra um nervo, ou porque não a vê evoluir-se como um gás, conclui que ela não existe, visto colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se que tenha razão contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.

Quando as crenças espíritas se houverem divulgado, quando estiverem aceitas pelas massas — e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não está muito longe —, dar-se-á com elas o que se tem dado com todas as ideias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência. A ela chegarão individualmente, pela força das coisas. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para os constranger

a se ocuparem com uma coisa estranha, que não está nas suas atribuições, nem no seu programa. Enquanto isso, os que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e ridicularizam os que não pensam como eles esquecem que assim sucedeu com a maior parte das grandes descobertas que honram a Humanidade. Expõem-se a ver seus nomes aumentando a lista dos ilustres proscritores das ideias novas e inscritos ao lado dos membros da douta assembleia que, em 1752, acolheu com imensa gargalhada a memória de Franklin⁹ sobre os para-raios, julgando-a indigna de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e dos daquela outra que fez a França perder as vantagens da iniciativa da marinha a vapor, declarando o sistema de Fulton¹⁰ um sonho impraticável; e, contudo, essas eram questões de sua alçada. Se, pois, essas assembleias, que contavam em seu seio a elite dos sábios do mundo, só tiveram a zombaria e o sarcasmo para ideias que não compreendiam, ideias que, alguns anos mais tarde, deviam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos obtenha mais acolhimento?

Esses erros de alguns homens de ciência, embora lamentáveis, não poderiam tirar-lhes os títulos que, noutros assuntos, conquistaram à nossa estima, mas será preciso diploma oficial para se ter bom senso? E não haverá fora das cátedras acadêmicas senão tolos e imbecis? Que se dignem lançar os olhos para os adeptos da Doutrina Espírita, a fim de verem se entre eles só existem ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a têm abraçado permite relegá-la ao rol das crenças vulgares. O caráter, o saber desses homens merece que se diga: já que eles afirmam, deve pelo menos haver alguma coisa.

Repetimos ainda que, se os fatos com que nos estamos ocupando se houvessem restringido ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno entraria no domínio da Ciência. Como, porém, se trata de uma manifestação fora do âmbito das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, porque não pode ser explicada por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não tem relação com nenhuma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo,

⁹ N.E.: Benjamin Franklin (1706–1790), político, físico e publicista americano. Descobriu a natureza elétrica do relâmpago e o poder das pontas, o que o levou à invenção do para-raios em 1752.

¹⁰ N.E.: Robert Fulton (1765–1815), mecânico americano. Construiu o primeiro submarino movido a hélice, o Nautilus (1800), e realizou industrialmente a propulsão dos navios a vapor (1807).

deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas.

O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles cujas ideias são as mais falsas se apoiam na própria razão, rejeitando, em virtude disso, tudo o que lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos apelaram a esse juiz para as rejeitar. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, aos que são suficientemente ponderados para duvidar do que não viram, e que, julgando o futuro pelo passado, não creem que o homem haja chegado ao apogeu, nem que a Natureza lhe tenha virado a última página de seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, tal como a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova e tão grande, não pode ser realizado com proveito senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não poderíamos dar essa qualificação aos que julgam *a priori*, levemente e sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento necessários. Ainda menos poderíamos dá-los a certas pessoas que, para não perderem sua reputação de homens de espírito, se esforçam por encontrar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas cujo saber, caráter e convicções merecem a consideração dos que se prezam de bem-educados. Que se abstenham, portanto, os que entendem que os fatos não são dignos de sua atenção. Ninguém pensa em violentar-lhes a crença; concordem, porém, em respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá. Devemos admirar-nos de não obter, com frequência, nenhuma resposta sensata a questões de si mesmas graves, quando as fazemos ao acaso e à queima-roupa, em meio a uma enxurrada de perguntas extravagantes? Além disso, acontece muitas vezes que uma questão complexa, para ser esclarecida, exige outras preliminares ou complementares. Quem quer adquirir uma ciência deve fazer um estudo metódico dela, começar pelo princípio e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Aquele que dirige a um

sábio, ao acaso, perguntas acerca de uma ciência cujas primeiras palavras ignore, colherá algum proveito? Poderá o próprio sábio, por maior que seja a sua boa vontade, dar-lhe resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, por isso mesmo, quase sempre ininteligível, ou parecerá absurda e contraditória. Dá-se exatamente o mesmo nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se quisermos nos instruir na sua escola, com eles devemos fazer um curso, mas, como entre nós, é preciso escolher os professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos superiores só comparecem às reuniões sérias, sobretudo àquelas em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem. A leviandade e as questões ociosas os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas sensatas; o campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de ocasiões para zombarem de nós e se divertirem à nossa custa. O que sucederia, numa reunião dessas, a uma pergunta grave? Seria respondida, mas por quem? É como se no meio de um bando de galhofeiros lançássemos estas questões: Que é a alma? Que é a morte? e outras tão recreativas quanto essas. Se quereis respostas sérias, comportai-vos com seriedade na mais ampla acepção do termo e procurai preencher todas as condições requeridas; só então obtereis grandes coisas. Sede mais laboriosos e perseverantes nos vossos estudos, a fim de que os Espíritos superiores não vos abandonem, como faz um professor com os alunos negligentes.

IX

O movimento dos objetos é um fato comprovado. A questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual a origem de tal manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem mesmo das que o médium escreve diretamente. Esse gênero de manifestação, evidente para os que viram e aprofundaram o assunto, não é, à primeira vista, bastante independente da vontade para firmar a convicção de um observador novato. Não trataremos, portanto, senão da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer munido de um lápis, tal como a cesta, a prancheta etc. A maneira pela qual os dedos do médium são postos sobre o objeto desafia, como já dissemos, a mais perfeita destreza de sua parte em poder participar, de algum modo, no traçado das

letras. Mas admitamos ainda que, por uma habilidade maravilhosa, possa ele enganar os olhos do mais atento observador; como explicar a natureza das respostas, quando estão muito além de todas as ideias e conhecimentos do médium? E note-se que não se trata de respostas monossilábicas, mas, frequentemente, de muitas páginas escritas com admirável rapidez, quer espontaneamente, quer sobre determinado assunto. Pela mão do médium menos versado em literatura, surgem algumas vezes poesias de sublimidade e pureza impecáveis, que os melhores poetas humanos não desaprovariam. E o que aumenta ainda mais a estranheza desses fatos é que eles se produzem por toda parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. Esses fatos são reais ou não? Para esta pergunta só temos uma resposta: vede e observai; não vos faltarão oportunidades, mas, sobretudo, observai muitas vezes, por longo tempo e de acordo com as condições exigidas.

Diante da evidência, que respondem os antagonistas? Sois vítimas do charlatanismo, dizem eles, ou joguete de uma ilusão. A isso replicamos, para começar, que é preciso afastar a palavra *charlatanismo* daquilo que não rende lucros; os charlatães não trabalham de graça. Seria, quando muito, uma mistificação. Mas por que singular coincidência esses mistificadores se teriam entendido de um extremo a outro do mundo, para agir do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos e, sobre os mesmos assuntos e em diversas línguas, dar respostas idênticas, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao sentido? Como é que pessoas sérias, honradas e instruídas se prestariam a semelhantes manobras? E com que fim? Como achar em crianças a paciência e a habilidade necessárias? Porque, se os médiuns não são instrumentos passivos, é preciso que tenham habilidade e conhecimentos incompatíveis com uma certa idade e certas posições sociais.

Então acrescentam que, se não há fraude, os dois lados podem ser vítimas de uma ilusão. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas tem um certo peso; ora, é aqui o caso de perguntarmos se a Doutrina Espírita, que conta hoje milhões de adeptos, só os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que ela se apoia são tão extraordinários que concebemos a dúvida. Porém, o que não se poderia admitir é a pretensão de certos incrédulos ao monopólio do bom senso, nem que, sem respeito às conveniências e ao valor moral dos adversários, tachem de ineptos, sem a menor cerimônia, os que não concordam com os seus pareceres. Aos olhos de qualquer criatura judiciosa, a opinião de

peessoas esclarecidas que por muito tempo viram, estudaram e meditaram um fato constituirá sempre, quando não uma prova, pelo menos uma presunção a seu favor, já que pode prender a atenção de homens sérios, que não tinham interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades.

X

Entre as objeções, algumas há mais sedutoras, ao menos na aparência, porque colhidas da observação e feitas por pessoas sérias.

Uma dessas objeções é que a linguagem de certos Espíritos não parece digna da elevação que se atribui a seres sobrenaturais. Quem se reportar ao resumo da doutrina, acima apresentado, verá que os próprios Espíritos nos ensinam que não são iguais em conhecimento, nem em qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo quanto dizem. Cabe às pessoas sensatas separar o bom do mau. Seguramente, os que deduzem desse fato que só lidamos com seres malfazejos, cuja única ocupação é mistificar, não conhecem as comunicações que são dadas nas reuniões em que só se manifestam Espíritos superiores; de outro modo não pensariam assim. É lamentável que o acaso os tenha servido tão mal, não lhes mostrando senão o lado mau do mundo espiritual, pois não queremos supor que uma tendência simpática atraia para eles, em vez dos Espíritos bons, os maus, os Espíritos mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de revoltante grosseria. Poder-se-ia, no máximo, concluir que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para afastar o mal e que, achando certo prazer em lhes satisfazerem a curiosidade, os Espíritos maus disso se aproveitam para se insinuar entre elas, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de estouvados ou de gente de má fama, da qual nem participam as pessoas circunspetas nem as sensatas. Essas criaturas se encontram na situação de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais desprezível de seus subúrbios, julgasse todos os habitantes pelos costumes e pela linguagem desse bairro ínfimo. No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se essas pessoas de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular. Mas, perguntem elas, os Espíritos de escol vêm até nós? A isto responderemos: Não fiquéis no

subúrbio; vede, observai e julgai; os fatos aí estão para todos. A menos que a elas se apliquem estas palavras de Jesus: *Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.*

Uma variante dessa opinião consiste em não ver, nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais a que elas dão lugar, mais que a intervenção de um poder diabólico, novo proteu que revestiria todas as formas para melhor nos enganar. Não a julgamos merecedora de exame sério, razão por que com ela não nos demoraremos: já está refutada pelo que acabamos de dizer. Acrescentaremos apenas que, se fosse assim, teríamos de convir em que o diabo é às vezes bastante criterioso, bem razoável e sobretudo muito moral, ou, então, que há também diabos bons.

De fato, como acreditar que Deus só permita ao Espírito do mal se manifestar para nos perder, sem nos dar, em compensação, os conselhos dos Espíritos bons? Se Ele não pode fazê-lo, não é onipotente; se pode e não o faz, isso é incompatível com a sua bondade; ambas as suposições seriam uma blasfêmia. Note-se que admitir a comunicação dos Espíritos maus é reconhecer o princípio das manifestações. Ora, desde que elas existem, só pode ser com a permissão de Deus. Como acreditar, sem cometer impiedade, que Ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

É estranho, acrescentam, que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas e perguntam por que são eles os únicos a se manifestarem. Eis aí um erro, oriundo, como tantos outros, de observação superficial. Dentre os Espíritos que vêm espontaneamente, há maior número de desconhecidos do que de ilustres, designando-se os primeiros por um nome qualquer e muitas vezes por um nome alegórico ou característico. Quanto aos que se evocam, a menos que seja um parente ou amigo, é muito natural que nos dirijamos aos que conhecemos, de preferência àqueles que nos são desconhecidos. O nome das personagens ilustres impressiona mais e é por isso que são mais notadas.

Acham também singular que os Espíritos de homens eminentes atendam familiarmente ao nosso apelo e se ocupem, às vezes, com coisas insignificantes, em comparação com as de que se ocupavam durante a vida. Isso nada tem de estranho para os que sabem que o poder ou a consideração de

que esses homens gozaram neste mundo não lhes dá nenhuma supremacia no mundo espiritual. Nisto, os Espíritos confirmam estas palavras do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados”, que devem ser entendidas como se referindo à posição que cada um de nós ocupará entre eles. É assim que aquele que foi o primeiro na Terra poderá ser um dos últimos no mundo espiritual. Aquele diante de quem curvávamos aqui a cabeça pode, portanto, vir entre nós como o mais humilde operário, porque, ao deixar a vida, deixou toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca talvez lá se encontre abaixo do último dos seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é o de que os Espíritos inferiores muitas vezes se apresentam com nomes conhecidos e respeitados. Quem pode, pois, assegurar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington etc., tenham realmente animado essas personagens? Essa dúvida existe entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita; admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas perguntam que controle podemos ter da sua identidade. Semelhante controle é, de fato, muito difícil de estabelecer-se. Embora não possa ser feito de modo tão autêntico como por uma certidão de registro civil, pode-o ao menos por presunção, segundo certos indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, sobretudo se morreu há pouco tempo, acontece geralmente que sua linguagem guarda perfeita relação com o caráter que lhe conhecíamos. Isto já é um indício de identidade. Mas quase não há mais lugar para dúvida quando esse Espírito fala de coisas particulares, lembra casos de família que somente o interlocutor conhece. Um filho não se enganará, por certo, com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem os pais com a linguagem dos filhos. Algumas vezes, nessas evocações íntimas, acontecem coisas surpreendentes, capazes de convencer o maior incrédulo. O cético mais endurecido fica, não raro, aterrorizado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Outra circunstância muito característica vem como prova de identidade. Dissemos que a caligrafia do médium muda geralmente com o Espírito evocado, e que essa caligrafia se reproduz exatamente igual toda vez que o

mesmo Espírito se manifesta. Constatou-se inúmeras vezes, sobretudo para pessoas falecidas recentemente, que a escrita denota flagrante semelhança com a que tinha essa pessoa em vida; têm-se obtido assinaturas de perfeita exatidão. Longe estamos, entretanto, de dar esse fato como regra e menos ainda como regra constante; apenas o mencionamos como digno de nota.

Somente os Espíritos que atingiram certo grau de purificação se acham libertos de toda influência corpórea; porém, quando não estão completamente desmaterializados — é a expressão de que se servem —, conservam a maior parte das ideias, dos pendores e até das *manias* que tinham na Terra, o que também é um meio de reconhecê-los, meio a que igualmente se chega por uma imensidade de fatos minuciosos, que só uma observação atenta, cuidadosa, pode revelar. Veem-se escritores a discutir suas próprias obras ou doutrinas, aprovando ou condenando certas partes delas; outros Espíritos a lembrar circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de suas vidas ou de suas mortes; enfim, todas as coisas que são ao menos provas morais de identidade, únicas que se podem invocar, tratando-se de coisas abstratas.

Se, pois, a identidade do Espírito evocado pode, até certo ponto, ser estabelecida em alguns casos, não há razão para que não o seja em outros; e se não dispomos dos mesmos meios de controle para pessoas cuja morte ocorreu há mais tempo, resta sempre o da linguagem e do caráter, porque, seguramente, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um perverso ou de um devasso. Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, logo se traem por sua linguagem e por suas máximas. Aquele que se dissesse Fénelon, por exemplo, e que ofendesse, ainda que acidentalmente, o bom senso e a moral, mostraria, por esse simples fato, o embuste. Se, ao contrário, os pensamentos que ele exprime são sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivos para se duvidar da sua identidade. De outro modo, seria preciso admitir que um Espírito que só prega o bem é capaz de mentir conscientemente, e isso sem utilidade alguma.

A experiência nos ensina que os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos e em famílias. Ora, o número dos Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecê-los a todos; a maioria deles nem mesmo tem nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, pois, vir em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com o seu nome, porque lhe

é idêntico e pode substituí-lo e porque precisamos de um nome para fixar nossas ideias. Mas que importa, afinal, que um Espírito seja, realmente, o de Fénelon? Desde que só diga coisas boas e fale como o teria feito o próprio Fénelon, é um Espírito bom; o nome pelo qual se dá a conhecer é indiferente, não passando muitas vezes de um meio para fixar nossas ideias. Não se daria o mesmo nas evocações íntimas, mas aí, como já dissemos, a identidade pode ser estabelecida por provas de certo modo evidentes.

Por fim, é certo que a substituição dos Espíritos pode causar uma porção de equívocos, resultar em erros e muitas vezes em mistificações. Essa é uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Mas jamais dissemos que esta ciência fosse uma coisa fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, como também não se dá com qualquer outra ciência. Nunca será demais repetir que ela exige um estudo assíduo e, geralmente, muito prolongado. Não se podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem por si mesmos; muitas vezes esses fatos ocorrem por efeito de circunstâncias em que menos se pensa. Para o observador atento e paciente, os fatos são abundantes, porque ele descobre milhares de matizes característicos que, para ele, são raios de luz. O mesmo se dá com as ciências comuns; enquanto o homem superficial não vê numa flor mais que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

XIII

As observações anteriores nos levam a dizer algumas palavras acerca de outra dificuldade: a da divergência que existe na linguagem dos Espíritos.

Sendo os Espíritos muito diferentes uns dos outros, do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que a mesma questão pode ser por eles resolvida em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupem, exatamente como sucederia entre os homens se a propusessem ora a um sábio, ora a um ignorante, ora a um gracejador de mau gosto. O ponto essencial, já o dissemos, é saber a quem nos dirigimos.

Mas, ponderam, como se explica que os Espíritos reconhecidos como seres superiores nem sempre estejam de acordo entre si? Diremos, em primeiro lugar, que, independentemente da causa que acabamos de assinalar, existem outras que podem exercer certa influência sobre a natureza das respostas, abstração feita do caráter dos Espíritos. Este é um ponto capital, cujo estudo trará a explicação. É por isso que dizemos que estes

estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo, como o exigem todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. São precisos alguns anos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para formar-se um sábio, e querem em algumas horas adquirir a Ciência do Infinito! Que ninguém, portanto, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; diz respeito a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que demande tempo, muito tempo mesmo?

Além disso, nem sempre a contradição é tão real quanto possa parecer. Não vemos todos os dias homens que professam a mesma ciência divergirem na definição dada a uma coisa, seja porque empregam termos diferentes, seja porque a consideram sob outro ponto de vista, embora a ideia fundamental seja sempre a mesma? Que se conte, se possível, o número de definições que foram dadas da gramática! Acrescentemos, ainda, que a forma da resposta depende muitas vezes da forma da pergunta. Seria pueril, portanto, ver contradição onde geralmente só existe diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam de modo algum com a forma; para eles, o fundo do pensamento é tudo.

Tomemos por exemplo a definição de alma. Não tendo esta palavra uma acepção única, os Espíritos podem, assim como nós, divergir na definição que lhe dão: um poderá dizer que é o princípio da vida, outro chamá-la de centelha anímica, um terceiro afirmar que ela é interna, um quarto que é externa etc., e todos terão razão, cada um do seu ponto de vista. Poder-se-á mesmo crer que alguns deles professem teorias materialistas e, todavia, não ser assim. Dá-se o mesmo com a palavra *Deus*. Será: o princípio de todas as coisas, o criador do Universo, a inteligência suprema, o infinito, o grande Espírito etc. Mas, em última análise, será sempre Deus. Citemos, finalmente, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma série ininterrupta, desde o grau inferior até o grau superior. A classificação é, pois, arbitrária: um poderá fixá-la em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que nenhum esteja em erro. Todas as ciências humanas nos oferecem o mesmo exemplo. Cada sábio tem o seu sistema; os sistemas mudam, mas a Ciência não muda. Quer se aprenda a Botânica pelo sistema de Lineu,¹¹ de

¹¹ N.E.: Carl von Lineu (1707–1778), pioneiro na criação de um sistema hierárquico de classificação dos seres vivos (usado até hoje, embora já bastante modificado).

Jussieu¹² ou de Tournefort,¹³ nem por isso se saberá menos Botânica. Deixemos, pois, de dar às coisas puramente convencionais mais importância do que merecem, para só nos atermos àquilo que é realmente sério e, não raro, a reflexão nos fará descobrir, naquilo que parecia ser o maior disparate, uma similitude que nos havia escapado a um primeiro exame.

XIV

Passaríamos de leve sobre a objeção de alguns cétricos a propósito das falhas ortográficas cometidas por certos Espíritos, se ela não desse margem a uma observação essencial. A ortografia deles, cumpre dizê-lo, nem sempre é impecável, mas é preciso ter a razão muito estreita para se fazer disso objeto de crítica séria, dizendo que, uma vez que os Espíritos tudo sabem, devem saber ortografia. Poderíamos opor-lhes inúmeros pecados desse gênero, cometidos por mais de um sábio da Terra, o que em nada lhes diminui o mérito. Entretanto, há neste fato uma questão mais grave. Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma nada é. Libertos da matéria, sua linguagem é rápida como o pensamento, pois que são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário. Devem, pois, sentir-se muito pouco à vontade quando são obrigados, para se comunicarem conosco, a se servirem das formas longas e embaraçosas da linguagem humana e, sobretudo, a lutarem com a insuficiência e imperfeição dessa linguagem, para exprimirem todas as ideias; é o que eles próprios dizem. Por isso, é curioso observar os meios de que muitas vezes se servem para atenuarem esse inconveniente. O mesmo se daria conosco se tivéssemos de nos exprimir num idioma mais extenso em palavras e expressões, e mais pobre em fraseados do que nosso. É a dificuldade sentida pelo homem de gênio, que se impacienta com a lentidão da pena, sempre muito atrasada em relação ao seu pensamento. É compreensível, diante disto, que os Espíritos liguem pouca importância à puerilidade da ortografia, sobretudo quando se trata de ensino importante. Já não é maravilhoso, aliás, que se exprimam indiferentemente em todas as línguas e as compreendam todas? Não se conclua daí, no entanto, que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida, pois a observam quando necessário. É assim, por exemplo, que a poesia por eles

¹² N.E.: Sobrenome de grande família de botânicos franceses.

¹³ N.E.: Joseph Pitton de Tournefort (1656–1708): estudou a morfologia e a classificação botânica.

ditada desafiaria quase sempre a crítica do mais metuculoso purista, e isso *a despeito da ignorância do médium*.

XV

Há, ainda, pessoas que veem perigo por toda parte e em tudo o que não conhecem. Também não deixam de tirar conclusão desfavorável do fato de algumas pessoas, ao se entregarem a esses estudos, terem perdido a razão. Como é que homens sensatos podem ver nisto uma objeção séria? Não se dá o mesmo com todas as preocupações intelectuais sobre um cérebro fraco? Quem conhece o número de loucos e maníacos que os estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros já produziram? E devemos, por isso, banir tais estudos? Que prova isso? Nos trabalhos corpóreos, estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; nos trabalhos da inteligência, estropia-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas, por se ter quebrado o instrumento, não se segue que o mesmo tenha acontecido ao Espírito: ele continua intacto e, quando se libertar da matéria, não gozará menos da plenitude das suas faculdades. É, no seu gênero, como homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações do Espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o caráter da preocupação principal, transformando-se então em ideia fixa. Essa ideia fixa tanto poderá ser a dos Espíritos, naqueles que com eles se ocuparam, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso ter-se-ia tornado um louco espírita, se o Espiritismo tivesse sido a sua preocupação dominante, como é provável que o louco espírita se tornasse um louco religioso, sob outra forma, conforme as circunstâncias.

Digo, pois, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio a esse respeito; vou, porém, mais longe: digo que, bem compreendido, ele é um preservador contra a loucura.

Entre as causas mais comuns de superexcitação cerebral, devemos contar as decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que são, ao

mesmo tempo, as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, diante do futuro que o aguarda; para ele a vida é tão curta, tão fugaz, que, aos seus olhos, as tribulações não passam de incidentes desagradáveis de uma viagem. Aquilo que em outra pessoa produziria violenta emoção, pouco o afeta; ele sabe, além disso, que os desgostos da vida são provas que servem ao seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado conforme a coragem com que as houver suportado. Suas convicções lhe dão, pois, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa incessante de loucura e suicídio. Ele sabe, além disso, pelo espetáculo que as comunicações com os Espíritos lhe proporcionam, qual a sorte dos que voluntariamente abreviam seus dias, e esse quadro é suficiente para fazê-lo refletir; sabe, também, que o número dos que têm sido detidos à beira desse funesto despenhadeiro é considerável. Este é um dos resultados do Espiritismo. Que os incrédulos riam quanto queiram; eu lhes desejo as consolações que ele proporciona a todos os que se deram ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundezas.

Entre as causas de loucura devemos ainda incluir o pavor, sendo que o medo do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Sabe-se lá o número de vítimas que ele não tem feito ao abalar imaginações fracas com esse quadro, que cada vez se esforçam por tornar mais assustador com terríveis detalhes? O diabo, dizem, só amedronta criancinhas; é um freio para torná-las ajuizadas. Sim, como o bicho-papão e o lobisomem. Contudo, quando não têm mais medo dele, tornam-se piores do que antes. E, para chegar-se a tão belo resultado, não se leva em conta o número de epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. Bem frágil seria a religião se, por falta de temor, sua força pudesse ficar comprometida. Felizmente não é assim; ela dispõe de outros meios para agir sobre as almas. O Espiritismo lhe fornece os mais eficazes e mais sérios, desde que ela os saiba aproveitar. Ele mostra a realidade das coisas e com isso neutraliza os efeitos funestos de um temor exagerado.

XVI

Resta-nos examinar duas objeções, únicas que realmente merecem esse nome, porque se baseiam em teorias racionais. Ambas admitem a

realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam mais do que efeitos magnéticos. Os médiuns ficariam num estado que se poderia chamar de sonambulismo desperto, fenômeno do qual pode dar testemunho toda pessoa que estudou o magnetismo. Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das percepções intuitivas se estende além dos limites da nossa concepção ordinária. Assim, o médium tiraria de si mesmo e por efeito da sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre as coisas que lhe sejam mais estranhas no seu estado normal.

Não seremos nós quem conteste o poder do sonambulismo, cujos prodígios observamos, estudando todas as suas fases durante mais de 35 anos. Concordamos, realmente, em que muitas manifestações espíritas podem ser explicadas por esse meio; contudo, uma observação atenta e prolongada mostra uma porção de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Aos que partilham dessa opinião, diremos, como aos outros: “Vede e observai, porque seguramente ainda não vistes tudo.” Em seguida, opor-lhes-emos duas considerações tiradas de sua própria doutrina. De onde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem, então, a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez exaltais. Se, pois, essa lucidez é tal como a supondes, por que teriam eles atribuído aos Espíritos o que hauriam em si mesmos? Como teriam dado essas informações tão precisas, tão lógicas e tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas? De duas coisas, uma: ou eles são lúcidos, ou não o são. Se o são, e se temos confiança em sua veracidade, não poderíamos, para sermos coerentes, admitir que não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem sua fonte no médium, seriam idênticos no mesmo indivíduo e não se veria a mesma pessoa usar de uma linguagem heterogênea, nem exprimir alternadamente as coisas mais contraditórias. Esta falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium prova a diversidade das fontes. Se, pois, não podemos encontrá-las todas no médium, é preciso que as procuremos fora dele.

Segundo outra opinião, o médium é a fonte das manifestações, mas, em vez de extraí-las de si mesmo, como o pretendem os partidários da teoria

sonambúlica, ele as colhe do meio ambiente. O médium seria, então, uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não fosse conhecido, pelo menos de algumas delas. Não se pode negar, e isto constitui mesmo um princípio da doutrina, a influência que os assistentes exercem sobre a natureza das manifestações. No entanto, essa influência é bem diversa da que se supõe existir, e daí a que o médium seja um eco do pensamento daqueles que o rodeiam, vai grande distância, visto que milhares de fatos demonstram terminantemente o contrário. Isto é um grave erro, que prova, uma vez mais, o perigo das conclusões prematuras. Como essas pessoas não podem negar a existência de um fenômeno que a ciência comum não consegue explicar, e não querendo admitir a presença dos Espíritos, explicam-no a seu modo. A teoria que sustentam seria sedutora se pudesse abranger todos os fatos, mas não é isso que acontece. Quando se lhes demonstra, até a evidência, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos e às próprias opiniões dos assistentes; que essas comunicações frequentemente são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, elas não se deixam vencer tão facilmente. Respondem que a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos cerca; o médium é o reflexo da Humanidade inteira, de tal sorte que, se não haure as inspirações ao seu redor, ele as vai buscar fora, na cidade, no país, em todo o globo e mesmo em outras esferas.

Não creio que se encontre nessa teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, pois ela pressupõe uma causa bem mais maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços e que, em contato permanente conosco, nos comunicam seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal, vinda de todos os pontos do Universo para se concentrar no cérebro de um indivíduo.

Ainda uma vez, e este é um ponto fundamental sobre o qual nunca insistiremos bastante: a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar reflexiva foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas para explicar um fato, ao passo que a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana. Foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando nela ninguém pensava e a opinião geral até mesmo a repelia. Ora, perguntamos: onde os médiuns foram colher uma doutrina que não

passava pelo pensamento de ninguém na Terra? Também perguntamos: por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo, e que jamais se viram, concordaram em dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por que capricho foi ele buscá-las a duas mil léguas além-mar, no seio de um povo tão estranho por seus costumes quanto por sua língua, em vez de as procurar ao seu redor?

Há também outra situação na qual não se tem pensado bastante. As primeiras manifestações, na França como na América, não se deram por meio da escrita nem da palavra falada, mas por pancadas concordantes com as letras do alfabeto e formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências autoras das manifestações declararam ser Espíritos. Se, portanto, pudéssemos supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, outro tanto não se daria em relação às pancadas, cuja significação não podia ser conhecida previamente.

Poderíamos citar inúmeros fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Recomendamos, portanto, aos dissidentes uma observação mais cuidadosa; se quiserem estudar bem, sem prevenção e sem concluir antes de terem visto tudo, reconhecerão a incapacidade de sua teoria para explicar todos os fatos. Limitar-nos-emos a propor as seguintes questões: Por que a inteligência que se manifesta, seja ela qual for, recusa responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interlocutor, sobre o que ele tem na mão, o que fez na véspera, seus planos para o dia seguinte etc.? Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder.

Os adversários retrucam o argumento perguntando, por sua vez, por que os Espíritos, que tudo devem saber, não podem dizer coisas tão simples, de acordo com o axioma: *Quem pode o mais pode o menos*, e daí concluem que não são Espíritos. Se um ignorante ou um zombador, apresentando-se a uma douta assembleia, perguntasse, por exemplo, por que é dia em pleno meio-dia, seria crível que ela se desse ao incômodo de responder seriamente? E seria lógico concluir-se, pelo silêncio ou pelas zombarias com que ela respondesse ao interpelante, que seus membros não passam de tolos? Ora, é precisamente porque são superiores que os Espíritos não respondem a

questões inúteis e ridículas, nem querem ir para a berlinda; é por isso que se calam ou dizem que só se ocupam com coisas mais sérias.

Perguntaremos, finalmente, por que os Espíritos vêm e se vão, muitas vezes, em dado momento, e por que, passado esse momento, não há pedidos nem súplicas que os façam voltar? Se o médium só agisse por impulsão mental dos assistentes, é claro que, em tal circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas deveria estimular a sua clarividência. Se, portanto, não cede ao desejo da assembleia, corroborado pela sua própria vontade, é que obedece a uma influência estranha a ele mesmo e aos que o cercam, influência que, por esse simples fato, acusa a sua independência e a sua individualidade.

XVII

O ceticismo, no tocante à Doutrina Espírita, quando não resulta de uma oposição sistemática, interesseira, origina-se quase sempre do conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede algumas pessoas de darem a questão por encerrada, como se a conhecessem perfeitamente. Pode-se ser muito espirituoso, ter muita instrução mesmo, e carecer-se de bom senso. Ora, o primeiro indício da falta de bom senso é a crença de alguém na própria infalibilidade. Muitas pessoas também só veem nas manifestações espíritas um objeto de curiosidade. Esperamos que, pela leitura deste livro, encontrem nesses fenômenos estranhos algo mais do que um simples passatempo.

A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Aquele que observou apenas a primeira está na posição de quem só conhece a Física pelas experiências recreativas, sem haver penetrado o âmago da ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são muito graves para serem adquiridos de outro modo que não seja por um estudo sério e perseverante, feito no silêncio e no recolhimento; somente nessa condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que escapam ao observador superficial e que permitem firmar uma opinião.

Se este livro não tivesse como resultado senão mostrar o lado sério da questão e provocar estudos neste sentido, isso já seria muito, e nos sentiríamos felizes por haver sido escolhido para realizar uma obra sobre

a qual, aliás, não pretendemos ter nenhum mérito pessoal, já que os princípios que encerra não são criação nossa. Seu mérito é, pois, inteiramente dos Espíritos que o ditaram. Esperamos que ele tenha outro resultado, o de guiar os homens que desejam esclarecer-se, mostrando-lhes, nestes estudos, um fim grande e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o caminho a seguir para o alcançar.

Concluamos com uma última consideração. Alguns astrônomos, sondando os espaços, encontraram, na distribuição dos corpos celestes, lacunas injustificáveis e em desacordo com as leis do conjunto. Suspeitaram que essas lacunas deviam estar preenchidas por globos que lhes tinham escapado à observação. De outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e disseram a si mesmos: ali deve haver um mundo, porque esta lacuna não pode existir e esses efeitos hão de ter uma causa. Julgando então da causa pelo efeito, puderam calcular seus elementos e mais tarde os fatos vieram justificar suas previsões.

Apliquemos esse mesmo raciocínio a outra ordem de ideias. Se observarmos a sequência ininterrupta dos seres, descobriremos que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Mas, entre o homem e Deus, o alfa e o ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar que terminem no homem os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outros elos, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, devia haver outros mundos desconhecidos. Qual a filosofia que já preencheu essa lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as categorias do mundo invisível, e esses seres nada mais são do que os Espíritos dos homens que alcançaram os diferentes graus que levam à perfeição. Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega. Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei o vácuo que eles ocupam; e vós, que rides deles, ousai rir das obras de Deus e da sua onipotência!

ALLAN KARDEC

PROLEGÔMENOS



Fenômenos que escapam às leis da ciência vulgar manifestam-se por toda parte, revelando, na causa que os produz, a ação de uma vontade livre e inteligente.

Diz a razão que um efeito inteligente deve ter como causa uma força inteligente, e os fatos provaram que essa força pode entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais.

Interrogada sobre a sua natureza, essa força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corpóreo do homem. Assim é que a Doutrina dos Espíritos foi revelada.

As comunicações entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo fazem parte da natureza das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural, razão pela qual encontramos seus vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e se tornaram patentes para todos.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, sua missão é instruir e esclarecer os homens, abrindo uma Nova Era para a regeneração da Humanidade.

Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e sob o ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação, constituem obra daquele que recebeu a missão de o publicar.

Entre os Espíritos que concorreram para a realização desta obra, muitos viveram em diversas épocas na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros, pelos seus nomes, não pertenceram a nenhuma personagem cuja lembrança a História tenha guardado, mas sua elevação é atestada pela pureza de sua doutrina e sua união com os que trazem nomes venerados.

Eis os termos em que nos deram, por escrito e por muitos médiuns, a missão de escrever este livro:

“Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases do novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Mas, antes de o divulgares, nós o reveremos juntos, a fim de controlar todos os seus detalhes.

Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudar nos outros trabalhos, pois esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que um de nós já te revelou.

Entre os ensinamentos que te são dados, alguns há que deves guardar somente para ti, até nova ordem. Quando chegar o momento de os publicares, nós to avisaremos. Enquanto esperas, medita sobre eles, a fim de estares pronto quando te dissermos.

Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos,¹⁴ porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é a seiva; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que é somente pelo trabalho do corpo que o espírito adquire conhecimentos.

Não te deixes desanimar pela crítica. Encontrarás contraditores obstinados, principalmente entre as pessoas interessadas nos abusos. Encontrá-los-ás mesmo entre os Espíritos, porque os que ainda não estão completamente desmaterializados procuram muitas vezes semear a dúvida por malícia ou ignorância. Prossegue sempre; crê em Deus e marcha com confiança: aqui estaremos para te amparar e está próximo o tempo em que a verdade brilhará de todos os lados.

A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará origem a opiniões dissidentes. Mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão no mesmo

¹⁴ Nota de Allan Kardec: A cepa que se vê na p. 47 é o *fac-símile* da que os Espíritos desenharam.

sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno, que abará o mundo inteiro; deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a Doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores.

É com perseverança que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a Doutrina propagar-se e bem compreendida, será para ti uma recompensa cujo valor integral conhecerás, talvez mais no futuro do que no presente. Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos e os maus semearão no teu caminho. Mantém a confiança: com ela chegarás ao fim e merecerás ser sempre ajudado.

Lembra-te de que os Espíritos bons só dispensam assistência aos que servem a Deus com humildade e desinteresse, e que repudiam a todo aquele que busca, no caminho do Céu, um degrau para as coisas da Terra; eles se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; são um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer que se compreenda a luz.”

João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, o Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, e outros.

Nota¹⁵ – Os princípios contidos neste livro resultam das respostas dadas pelos Espíritos às questões diretas que lhes foram propostas em diversas ocasiões, por meio de grande número de médiuns, bem como das instruções que deram espontaneamente, a nós ou a outras pessoas, sobre as matérias que encerra. O material foi organizado de maneira a apresentar um conjunto regular e metódico, e não foi entregue à publicidade senão depois de ter sido revisto cuidadosamente, várias vezes seguidas, e corrigido pelos próprios Espíritos. Esta segunda edição também mereceu, da parte deles, novo e metucioso exame.

O que vem entre aspas, em seguida às perguntas, é a resposta textual dada pelos Espíritos. O que está assinalado em letras menores, ou designado de modo especial para esse fim, compreende as notas e explicações aditadas pelo autor, e que também sofreram o controle dos Espíritos. [Allan Kardec]

¹⁵ N.T.: Inserida na página XLIV da 2ª edição francesa (1860), esta Nota foi mantida até a 9ª edição, não mais aparecendo a partir da 10ª (1863). Esta nova edição da FEB contempla a sua tradução integral.

Livro Primeiro



Causas primeiras

Capítulo I	Deus
Capítulo II	Elementos gerais do Universo
Capítulo III	Criação
Capítulo IV	Princípio vital

CAPÍTULO I



Deus

• Deus e o infinito • Provas da existência de Deus • Atributos da Divindade • Panteísmo

Deus e o infinito

1. *Que é Deus?*
“Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.”¹⁶
2. *Que se deve entender por infinito?*
“O que não tem começo nem fim; o desconhecido. Tudo o que é desconhecido é infinito.”
3. *Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?*
“Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, insuficiente para definir o que está acima da sua inteligência.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o *infinito* é tomar o atributo de uma coisa pela própria coisa; é definir uma coisa que não é conhecida por outra que também não o é.

¹⁶ Nota de Allan Kardec: O texto colocado entre aspas, em seguida às perguntas, é a própria resposta que os Espíritos deram. Distinguiu-se com letra menor as notas e explicações aditadas pelo autor, sempre que havia possibilidade de confundi-las com o texto da resposta. Quando formam capítulos inteiros, não sendo possível a confusão, conservou-se a letra comum.

Provas da existência de Deus

4. *Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?*
“Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão vos responderá.”
Para crer em Deus basta lançar os olhos sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.
5. *Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?*
“Que Deus existe; pois, de onde lhes viria esse sentimento, se não se apoiasse em alguma coisa? É ainda uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa.”
6. *O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não seria fruto da educação e das ideias adquiridas?*
“Se assim fosse, por que os vossos selvagens teriam esse sentimento?”
Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas produto de um ensino, não seria universal e, como sucede com as noções científicas, só existiria nos que houvessem podido receber esse ensino.
7. *Poder-se-ia encontrar nas propriedades íntimas da matéria a causa primeira da formação das coisas?*
“Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É preciso sempre uma causa primeira.”
Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são, em si mesmas, um efeito que deve ter uma causa.
8. *Que pensar da opinião que atribui a formação primeira a uma combinação fortuita da matéria, ou seja, ao acaso?*
“Outro absurdo. Que homem de bom senso pode considerar o acaso como um ser inteligente? E, além disso, o que é o acaso? Nada!”

A harmonia que regula as forças do Universo revela combinações e propósitos determinados e, por isso mesmo, denota um poder inteligente. Atribuir a formação primeira ao acaso seria um contrassenso, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. *Onde se vê, na causa primeira, uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?*

“Tendes um provérbio que diz: Pela obra se conhece o autor. Pois bem! Vede a obra e procurai o autor. É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si e é por isso que se julga um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Julga-se o poder de uma inteligência pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primeira é, portanto, uma inteligência superior à Humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que realize, tanto maior há de ser a causa primeira. Essa inteligência superior é que é a causa primeira de todas as coisas, seja qual for o nome pelo qual o homem a designe.

Atributos da Divindade

10. *Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?*

“Não; falta-lhe, para tanto, um sentido.”

11. *Será dado um dia ao homem compreender o mistério da Divindade?*

“Quando seu espírito não mais estiver obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, então o verá e o compreenderá.”

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui, mas, à medida que nele se desenvolve o senso moral, seu pensamento penetra melhor no âmago das coisas; então ele faz da Divindade uma ideia mais justa e mais conforme a sã razão, embora sempre incompleta.

12. *Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter ideia de algumas de suas perfeições?*

“Sim, de algumas. O homem as compreende melhor à medida que se eleva acima da matéria; ele as entrevê pelo pensamento.”

13. *Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, não temos uma ideia completa de seus atributos?*

“Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo. Mas ficai sabendo que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas ideias e sensações, não tem como se expressar. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir essas perfeições em grau supremo, porque, se tivesse uma só de menos, ou não a tivesse em grau infinito, não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não pode achar-se sujeito a nenhuma vicissitude, nem sofrer nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conceber.”

Deus é eterno. Se tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É imaterial. Isto é, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É único. Se houvesse muitos deuses, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É onipotente. Porque é único. Se não tivesse o soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto Ele; não teria, assim, feito todas as coisas e as que não tivesse feito seriam obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das Leis divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade.

Panteísmo

14. *Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?*

“Se fosse assim, Deus não existiria, porque seria efeito e não causa. Ele não pode ser, ao mesmo tempo, uma coisa e outra.

Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial. Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto de onde não poderíeis sair. Isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada sabeis. Deixai, pois, de lado todos esses sistemas; tendes muitas coisas que vos tocam mais diretamente, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos desembaraçardes delas, o que vos será mais útil do que quererdes penetrar o que é impenetrável.”

15. *Que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade, ou seja, que pensar da doutrina panteísta?*

“Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus.”

16. *Os que professam esta doutrina pretendem encontrar nela a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Sendo infinitos os mundos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não existindo o vazio, ou o nada em parte alguma, Deus está por toda parte; estando Deus em toda parte, já que tudo é parte integrante de Deus, Ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. Que se pode opor a este raciocínio?*

“A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.”

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria em escala maior o que somos em menor escala. Ora, transformando-se incessantemente a matéria, Deus, nesse caso, não teria nenhuma estabilidade e estaria sujeito a todas as vicissitudes,

Livro Primeiro – Capítulo I

mesmo a todas as necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não se podem conciliar as propriedades da matéria com a ideia de Deus sem que Ele fique rebaixado em nosso pensamento, e nenhuma sutileza de sofisma conseguirá resolver o problema de sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Ele é, mas sabemos o que Ele não pode deixar de ser e o sistema acima está em contradição com as suas propriedades mais essenciais; confunde o Criador com a criatura, exatamente como se quiséssemos que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro, mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.